

## **LETIERES LEITE – Músico**

**Músico, compositor e arranjador, fundador da Orkestra Rumpilezz.**

### **1. Quem é Letieres Leite?**

Letieres é um homem que nasceu na Bahia, interessado em defender a sua música e fazer com que ela se propague no mundo e conecte as pessoas.

### **2. O que você entende como Cultura?**

Cultura é a manifestação de um povo, das suas pluralidades e das suas atividades. Ela representa também a manifestação do consciente coletivo desse povo. Cultura é uma necessidade básica das pessoas na representação do seu mundo, das suas origens.

### **3. Conte-nos um pouco da sua trajetória.**

Eu comecei como artista plástico e caí na música de maneira inusitada. Eu era artista plástico na Universidade Federal da Bahia – UFBA e era época da Ditadura Militar no Brasil. Aconteciam muitas mostras de som, e eu comecei a tocar percussão nessas mostras. Num desses dias apareceu uma flauta, foi a realização de um sonho, porque eu tinha vontade de tocar outros instrumentos, mas tinha vergonha, afinal eu só andava com músicos profissionais. Quando peguei a flauta, foi uma questão de dias para que eu começasse a tocar as melodias e daí virei o flautista da turma. Com um ano já estava tocando com artistas, profissionalmente, foi quando comprei a minha primeira flauta. Foi muito rápida a minha trajetória como músico. Depois disso, toquei na Bahia por três anos como músico profissional e fui para o sul do Brasil tentar estudar. Não consegui, fiz uma carreira como profissional de baile, de show, durante quatro anos. Aí fui para a Europa, onde passei dez anos e consegui estudar música. Foi assim que surgiu a minha carreira de músico. Eu tive uma outra experiência importantíssima, quando eu tinha doze/treze anos, que me “linka” hoje como maestro da Orkestra Rumpilezz. Estudei no Colégio Severino Vieira e entrei na Orquestra Afro-Brasileira de Emilia Biancardi, toquei dois anos lá e ficou gravado na minha memória.

### **4. Como surgiu a ideia de criar uma orquestra como a Orkestra Rumpilezz?**

Toda essa música vem do mesmo berço, que é a música da diáspora africana. Tanto o Jazz como a música percussiva da Bahia, elas vêm do mesmo lugar. A ideia da Orkestra Rumpilezz surgiu quando eu ainda era aluno, lá na Europa. Eu tive que fazer alguns trabalhos com música instrumental, eu percebi que a música brasileira era ou o samba, com seus derivados, ou o baião e seus ritmos circunvizinhos. Por que não tem nada com a Bahia? Percebi que realmente faltava esse tipo de música instrumental. Eu quis mostrar algo diferente, até porque os colegas brasileiros já utilizavam o samba e o baião – já tinham feito tudo e não deixaram nada para outros fazerem. Eu fui tentar fazer algo com a música da Bahia. Mas quase não tinha referência de música instrumental na música afro-baiana. Foi a partir daí que eu tive essa ideia

e sistematizei esses ritmos. Isso na década de 1980. O primeiro rascunho foi em 1986. Passaram-se anos, estava trabalhando como músico profissional quando, em 2005, fui chamado para fazer um projeto no Teatro Gamboa, em Salvador. Eu tinha essa ideia fixa de trabalhar com música instrumental e foi aí, no final desse projeto, que eu montei a primeira orquestra que, em 2006, se apresentou no *Festival de Música Instrumental da Bahia*.

#### **5. Qual a importância de uma orquestra de afro-jazz para o estado?**

Um estado que tem uma cidade que é considerada a de maior população negra fora da África, é mais do que justo que uma grande parte da inspiração para a sua cultura venha da cultura afro-baiana. Uma orquestra com esse sentido, essa inspiração, seria o mais justo que surgisse numa sociedade que tem esse legado da cultura negra em sua formação. É muito interessante que a gente possa se debruçar nessa riqueza. Eu considero os terreiros de Candomblé as grandes faculdades de cultura que temos na Bahia porque eles conseguiram se manter intactos por todo esse tempo. Uma cultura que se formou aqui, não foi somente trazida por um grupo. É uma cultura miscigenada. É por isso que eu gosto de falar em Cultura Afro-Baiana. Foi uma cultura formatada aqui. Somos o resultado de uma diáspora e já estamos contribuindo para uma segunda diáspora. Já estamos levando essa cultura para lá de novo.

#### **6. Qual a relação da Orkestra com outras filarmônicas, orquestras e grupos do estado, do país e do exterior?**

A relação mais óbvia é que essa é uma das únicas orquestras com essa formação. Nós temos um ineditismo nesse quesito e isso cria certa curiosidade nos músicos. Você falou nas filarmônicas do estado, a relação da Rumpilezz com elas é que parte dos músicos passou por lá. As filarmônicas do recôncavo foram as bases de formação de boa parte dos músicos da Rumpilezz.

#### **7. Com pouco mais de cinco anos, a Orkestra Rumpilezz foi vencedora do *Prêmio Bravo!* na categoria *Melhor CD Popular do Ano* e do *21º Prêmio da Música Brasileira*, nas categorias *Revelação* e *Melhor Grupo Instrumental*. Comente este reconhecimento.**

Só o fato de ter participado do *Prêmio da Música Brasileira* já foi uma vitória porque é como o *Grammy* da música brasileira. Ter ganhado o prêmio de melhor grupo de música instrumental foi ótimo porque é algo que a gente sabia que iria fortalecer o grupo em termos de reconhecimento nacional. Mas ter ganhado o prêmio de revelação, concorrendo com artistas maravilhosos daquele ano foi uma surpresa total, tanto que já estávamos saindo do teatro e voltamos. Ter ganhado o de melhor CD instrumental foi fantástico porque estávamos competindo com todos os estilos de música, essa categoria de melhor CD não distingue. Para a música instrumental no geral foi muito importante, não só para a Orkestra Rumpilezz, colocar um disco de música instrumental com esse tema da música afro-baiana no mesmo quesito de outros CDs e artistas, cantores muito conhecidos. Foi uma vitória não minha, nem da Orkestra, foi da música instrumental brasileira.

## **8. Quais os principais desafios na gestão de uma orquestra? Como é pensada a Orkestra artisticamente e qual a diferença desse modelo em comparação a outras orquestras?**

O maior desafio da Orkestra Rumpilezz é a peculiaridade com a qual foi formada. Ela foi feita espontaneamente. Você administrar músicos profissionais que tocam em bandas conhecidas é o primeiro grande desafio. O material humano na Bahia acaba sendo restrito porque os melhores músicos estão sempre envolvidos em diversos trabalhos, então é difícil. Tive muitos problemas com isso e tive de criar um grupo substituto e criar uma divisão de base. Aproveitar jovens que não eram tão ocupados e ajudá-los a se desenvolver. Hoje já temos certa liberdade, temos um grupo mais numeroso e podemos fazer substituições sem perder qualidade artística. Outra coisa particular é a forma como eu faço a música com a Rumpilezz. Não basta apenas dar a partitura. É assim que funciona a maioria das orquestras, o músico recebe a partitura, estuda e toca. Na Rumpilezz não. Eu gosto de usar o recurso da música oral, tradicional, como é passada nos terreiros. O músico tem que saber o som, cantar a melodia – a partitura é um complemento. A gente usa 50% da oralidade da música popular e 50% da música erudita europeia, a partitura. Isso porque não tem como você escrever precisamente a música de matriz africana numa partitura de concepção européia. Eu uso essa concepção européia fazendo adaptações, a aproximando de nossa cultura.

## **9. De que forma se dá a captação de recursos da Orkestra?**

Para uma orquestra desse porte se deslocar para os lugares o custo é grande. Tivemos que fazer uso dos editais de circulação e gravação. Estamos inseridos nesse contexto de editais. Fizemos parceria com agências que administram esses projetos e a partir daí conseguimos fazer com que a Orkestra se movimente. Nós não temos um recurso para manutenção da Orkestra em si. Tiramos isso do nosso ganho com editais. Penso em, futuramente, termos uma estrutura, uma sede para que possamos ter uma assiduidade de ensaios e de pesquisa. O trabalho da Rumpilezz é baseado em pesquisa. Existem projetos para manutenção de orquestras, mas não é nada perto do que ainda pode ser feito. Temos os exemplos das filarmônicas que passam dificuldades sempre, filarmônicas de cem, oitenta anos e têm dificuldades de comprar materiais e instrumentos. Temos também o tipo de contratante direto. Isso acontece muito. Em São Paulo é frequente. Lugares de cultura que têm uma verba e contratam a gente. Esse tem sido o nosso mercado. O primeiro apoio do estado foi ter criado essas leis de incentivo – Rouanet, Fazcultura, Fundo de Cultura. O lugar onde a gente ensaia é resultado de uma parceria com o estado. Somos residentes do Espaço Xisto Bahia, nos Barris. De uma maneira macro, acho que todos os projetos que surgiram nos últimos anos, as leis de incentivo, são importantíssimas para o desenvolvimento da cultura. Ao contrário do que muitas pessoas falam, que isso é uma maneira de discriminar a sociedade para um grupo que produz arte. Eu me lembro na Europa que todos os centros de cultura eram subsidiados pelo estado. Isso é algo comum em qualquer cultura e é um dos deveres do estado, manter e financiar cultura. A iniciativa privada entra quando ela está participando no processo do edital, quando ela financia. Nós tivemos um exemplo muito claro. Nossa primeira grande turnê foi da Natura.

Nós ganhamos o prêmio da Natura e eles financiaram seis shows em capitais brasileiras. Já ganhamos da Petrobrás, da Funarte, FUNCEB, ganhamos também do Conexão Vivo e estamos fazendo show até hoje.

**\*Entrevista realizada por Ana Carolina Alves e Ana Luisa Hiltner, dia 05 de junho de 2012, no Espaço Cultural da Barroquinha, em Salvador.**